

Protestos levam duzentos à prisão

Ricardo Arnt

BERLIM — Duzentas pessoas foram presas pela madrugada depois de terem apedrejado lojas e bancos, em protesto contra a reunião do FMI e do Banco Mundial. Durante todo dia, pequenos grupos de *autônomos* (anarquistas) e feministas tumultuaram o trânsito no Centro com protestos. Até em Berlim Oriental houve manifestações, apesar de oficialmente proibidas pelo governo comunista.

Seiscentos jovens interromperam com gritos e batucada de latas de cerveja uma sessão especial da *Deutsche Opera* para os banqueiros que vieram à cidade para a reunião do FMI e do Banco Mundial. A polícia fez um corredor de segurança, estacionando camburões desde a saída da ópera até a entrada do metrô, para garantir a retirada dos banqueiros. Em frente à fábrica da Siemens, cerca de 1.000 pessoas fizeram protestos contra a energia nuclear. No bairro de

Nëukolnn, as manifestações vararam a madrugada.

Na Igreja de Santa Sofia, em Berlim Oriental, 800 jovens participaram de um ato público pelo cancelamento da dívida externa do Terceiro Mundo e pela abolição do FMI e do Banco Mundial. O governo comunista - que está hospedando centenas de banqueiros nos hotéis de luxo da parte oriental da cidade - proibiu a realização de uma procissão contra o FMI e o Banco Mundial e de uma vigília de protesto na frente da embaixada dos Estados Unidos. A Alemanha Oriental está avaliando a sua entrada para o FMI, a médio prazo. Do bloco socialista, já fazem parte da instituição Polônia, Hungria, Romênia, Iugoslávia e China.

Concerto — Os manifestantes do lado comunista organizaram um concerto beneficente e um seminário sobre a ordem econômica internacional recorrendo ao circuito alternativo da igreja protestante, que sustenta a oposição ao regime. Os panfletos distribuídos na igreja de Santa Sofia denunciavam as divisas arre-

cadacadas nos hotéis do Estado: "Os patrões daqui não têm vergonha de aceitar meio milhão de dólares de suborno do FMI."

Na Universidade Livre de Berlim Ocidental, o julgamento do FMI e do Banco Mundial, promovido pelo Tribunal Permanente dos Povos, entrou no segundo dia de depoimentos. O ex-ministro brasileiro Dílson Funaro que era esperado para apresentar um depoimento intitulado "O que aconteceria se a política do FMI fosse adotada no mais endividado dos países, os Estados Unidos?", simplesmente não apareceu. Funaro, até ontem à noite, não tinha dado nem desculpa.

Representantes das Filipinas, do Zimbábue, da Libéria, de Zâmbia, da Hungria e da Irlanda expuseram as consequências da aplicação dos "ajustes estruturais" do FMI em seus países, denunciando arrocho salarial, transferência de divisas para o exterior e drenagem dos recursos necessários para programas sociais.